

NOVAS POSSIBILIDADES LITERÁRIAS: *SLAMS* DE POESIA INVADEM A CIDADE E PROPAGAM A VOZ DAS PERIFERIAS.

Viviane Laprovita Cardozo¹

Resumo: Este artigo pretende investigar os usos da poesia falada no cenário literário brasileiro através da observação das competições de *poetry slam*, que vem atraindo jovens a produzir cultura nos territórios periféricos, circular a cidade e ocupar espaços públicos. A performance evidencia uma poesia crítica, um corpo que grita e reflete questões sociais que denunciam opressões vividas. Os slams de poesia revelam a potência da linguagem artística periférica e se distanciam de classificações canônicas, preferem o diálogo com o movimento da literatura marginal e novas possibilidades de produção literária de forma democrática, fortalecendo o afeto e a troca coletiva.

Palavras-chave: *slam* de poesia, literatura marginal periférica, juventude e cultura na cidade.

“Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto”. - Ferréz

Podemos observar que a literatura marginal tem sido popularizada nas favelas e periferias, principalmente através de saraus de poesia como forma de arte, resistência e luta coletiva. As primeiras iniciativas surgiram, por volta dos anos 2000, na periferia de São Paulo, através de escritores como Ferréz, autor do livro ‘Capão pecado’ e movimentos como o Sarau Cooperifa, iniciativa do poeta Sergio Vaz. A literatura marginal vai além de ser apenas uma classificação referente a quem vive à margem dos mercados editoriais, é um importante movimento periférico compromissado com a cultura e educação, inspirado pela realidade das favelas brasileiras e que possui um diálogo intenso com a linguagem poética do Hip Hop. Os dois têm em comum mais do que ‘ritmo e poesia’, uma postura política pró-ativa, que assume a responsabilidade em relação a sua comunidade e tem o desejo de combater o sistema compartilhando conhecimento, possibilitando a transformação para os territórios periféricos através da cultura e do ativismo cultural local como afirma Hollanda (2014, p31) em seu texto Crônica Marginal: “considero o hip hop como uma das forças mais criativas e eficazes dos vários usos possíveis da cultura como recurso inclusivo, de geração de renda, de promoção de conhecimento, de estímulo a educação formal e portanto de autoestima.”.

O sarau Cooperifa, por exemplo, movimenta um grande número de pessoas semanalmente, há o interesse daqueles que gostam de literatura, mas principalmente a circulação de moradores da região que são de certa forma seduzidos pela força da palavra, e

¹ Mestranda em Cultura e Territorialidades no PPCULT – UFF com pesquisa sobre raça e gênero no funk carioca. laprovitafotografias@gmail.com

esse era o objetivo da Cooperifa, como aponta o fundador Sergio Vaz em entrevista ao documentário ‘Jogo de ideias’ do Itaú cultural²:

A gente não queria aquela literatura de biblioteca, de livraria, a gente queria uma coisa com os pés no chão. Do nosso jeito, a nossa antropofagia era isso: fazer com que as pessoas primeiro ouvissem o que era, pra depois saberem o que era. A oralidade foi muito importante. A ideia da gente não era falar ‘você tem que ler isso...’ nada! A ideia era sedução, se a gente não seduzir, não vinga.

As estratégias utilizadas nos saraus da Cooperifa para atrair o público refletem o desconforto com os julgamentos canônicos literários que desconhecem a potência da literatura marginal. É um acolhimento afetivo, ser poeta na Cooperifa é uma possibilidade para todos, o preconceito é vetado e a força da palavra percorre o ambiente e é recebida com respeito e admiração. Ninguém é mais poeta ou menos poeta, a palavra é poder e ela é dividida, todos podem compartilhar ou desabafar seus versos, sem a necessidade de títulos ou diplomas, o que chama atenção também da própria academia: “A força dos saraus, suas estratégias e particularidades na recepção das leituras de poesia por parte de um público aparentemente não iniciado em literatura é um fenômeno único e que já começa a ser objeto de estudos e teses acadêmicas.” (HOLLANDA, 2014, p33) A literatura marginal nas favelas conecta os saberes, multiplica a informação, divide o conhecimento, é um processo de reação diante da falta de acesso à cultura, que foi negada à periferia durante tanto tempo. É um importante movimento que alimenta os versos do poeta:

Já tem algum tempo que venho batendo na tecla que estamos vivendo, culturalmente falando, a nossa Primavera Periférica. A periferia de São Paulo vive hoje a mesma efervescência cultural que a classe média viveu nos anos 60/70, considerada o auge da criatividade e engajamento artístico. Desde quando o hip-hop surgiu, em meados dos anos 80, sacudindo os becos e vielas, dando voz aos excluídos e despertando os adormecidos, as ruas nunca mais foram as mesmas. As ruas, que estavam mortas, foram ressuscitadas e a literatura deu-lhes uma nova alma. Transformando as pessoas também. Quem poderia imaginar que, um dia, um sarau de poesia – entre mais de 50 que acontecem em Sampa –, no extremo da periferia paulistana, região que já foi considerada Vietnã, devido à violência extrema, poderia completar dez anos de atividade? Quem poderia imaginar que a Literatura ia invadir bares e transformá-los em centros culturais, e que esses mesmo bares iam virar cineclubes, espaços para teatro, debates, música, dança, lançamento de livros, CDs e demais práticas culturais e artísticas? Os trabalhadores estão praticando um outro tipo de esporte: a Literatura falada. Aquela que não cabe nos livros, que não aceita enquadro da gramática, e que muitas vezes discorda da concordância.

² Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO_YCnM>. Acessado em 11/01/2018.

Por aqui ninguém vai pedir autorização pra ninguém pra escrever poesia, conto, romance e publicá-los, ou não, em livros que se espalham falecidos pelas paredes. Se a palavra liberta, então somos livres! (VAZ,2015, p19)

A literatura falada, como cita o poeta, é uma nova forma de se fazer e consumir literatura nas periferias de forma acessível, que se opõe a classificação dos referenciais canônicos da literatura tradicional. Uma escrita literária que ‘rasura’ a realidade e que a incorpora, fortalecendo novas narrativas: “A escrita de uma nova literatura democrática que aposta na instituição de um sistema literário partilhado, que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura” (RESENDE,2014,p 15.)

A liberdade e as possibilidades de uso da palavra são diversas e não se resumem a escrita e leitura, muito influenciada pelo ritmo e performance do hip hop e jazz, a poesia Slam (spoken word) nasce por volta de 1986 num bar em Chicago. ‘Uptown Poetry Slam’ foi criado por Marc Kelly Smith, um operário da construção civil e poeta, junto com o grupo Chicago Poetry Ensemble³ e traz consigo a potência, força e impacto da poesia falada. O formato de apresentação se assemelha a uma batalha de rimas de Hip Hop, é uma competição poética onde cada autor interpreta seus versos sem o auxílio de recursos externos, somente com sua performance e voz ao microfone e com a duração de 3 minutos. O público decide quem ganha, os jurados são escolhidos na própria plateia e atribuem notas a performance e poesia de cada poeta em placas que vão de 0 a 10. A partir dos anos 90 o Slam começa a se espalhar pelo país e pelo mundo chegando as periferias num processo parecido com o Hip Hop, uma ferramenta poderosa de empoderamento social pelo protagonismo periférico:

O que, entretanto, pode ser dito é que junto com uma nova literatura podemos perceber simultaneamente uma nova forma de fazer e experimentar a política. Aqui, entram em cena novos atores e novas demandas. São atores não sociais que parecem ser formados prioritariamente por orientações culturais e cuja maior demanda é a demanda pelo direito de serem atores. (HOLLANDA, 2014, P 38).

A poesia *Slam* veio para o Brasil a partir do ativismo da artista Roberta Estrela Dalva, que conheceu a modalidade em uma viagem para os Estados Unidos e se encantou pela possibilidade de trazê-la ao país. Ao retornar, Roberta criou em 2008 na cidade de São Paulo

³ Informações retiradas de matéria “Mulheres protagonizam batalhas poéticas nas ruas no slam das minas” do jornal Folha de São Paulo, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1931984-mulheres-protagonizam-batalhas-poeticas-nas-ruas-no-slam-das-minas.shtml>> Acessado em 10/01/2018.

o ZAP! *Slam*, a primeira competição de poesia falada do Brasil, que aconteceu numa escola de teatro da região central da cidade. A história pode ser conferida no filme "*Slam: Voz de Levante*", produzido durante sete anos pela atriz e poeta Roberta Estrela D'Alva junto com Tatiana Lohmann, o documentário levou os prêmios de melhor direção de documentário e especial do júri no Festival do Rio em 2017.⁴A partir disso o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) influenciou e impulsionou a proliferação das competições de *Slam* que hoje acontecem em cerca de 50 cantos do país.

O *Slam* Guilhermina foi o segundo a ser criado, em 2012, mas com um diferencial: feito na praça pública, na porta de uma estação do metrô de SP. Depois disso, outros coletivos seguiram a ideia e criaram mais competições que ocupam o espaço público da cidade como o *Slam Resistência*, que acontece na praça Roosevelt. Atualmente várias modalidades diferentes de *Slam* circulam o país, como o menor *Slam* do mundo (SP), onde o poeta tem 10 segundos para apresentar sua poesia, o *Slam* do Corpo, que é voltado para surdos e ouvintes, com as poesias declamadas na língua de sinais ou traduzidas, o *Slam* Racha Coração (SP) e o *Slam* Veia Aberta (RJ) onde só podem ser apresentadas poesias com a temática do amor e o *Slam* das Minas, voltado somente para participantes do público feminino. Todos os que realizam pelo menos seis edições ao longo do ano, conseguem garantir uma vaga para as etapas regionais, que acontecem nos estados. Os dois vencedores das etapas regionais, garantem vaga para a competição nacional, que reúne representantes de cada estado. Quem vence a etapa nacional garante vaga na competição mundial que acontece uma vez por ano na França com poetas do mundo inteiro.

Na cidade do Rio de Janeiro, o *Slam* pioneiro foi o Tagarela, o maior *Slam* do mundo criado em 2013, que permitia que a poesia fosse apresentada sem tempo limite, durando o tempo que o poeta decidisse. Seguido do *Slam* Grito Filmes, que surgiu em julho de 2016 e foi criado por um coletivo de fotógrafos, cinegrafistas e mídia-ativistas que registravam as performances em vídeo e as disponibilizavam em um canal no youtube, que hoje conta com milhares de visualizações. Depois disso, em 2017, o *Slam* das Minas veio para o Rio de Janeiro para combater o machismo e preservar a liberdade de expressão das mulheres, e ao longo do ano outros movimentos aconteceram na cidade: *Slam* Nós da Rua, realizado em Jacarepaguá por poetas que se conheceram no *Slam* Grito Filmes; *Slam* Laje, no Complexo do Alemão, primeiro *Slam* realizado numa favela; *Slam* Trindade que é um desdobramento do

⁴ Retirado da matéria "ZAP! Slam: a primeira batalha de poesia do Brasil." Disponível em <<https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>> Acessado em 12/01/2018.

festival de rap de São Gonçalo, dentre outros. As premiações das batalhas de poesia são livros, cd's, dvd's e artigos literários, geralmente doados pelo próprio público, além da desejada vaga na final da competição regional, nacional e até mundial que acontecem no fim de cada ano. Os temas das poesias seguem uma linha de protesto, resistência e crítica em relação a estrutura da sociedade: racismo, machismo, identidade de gênero, política, diversidade sexual, diferenças e injustiças sociais.

Assim como o movimento dos *Slams* incentivou muitos jovens da periferia a se interessarem por poesia e literatura, uma iniciativa na cidade seguiu o mesmo caminho e contribuiu muito com o empoderamento cultural e artístico dos indivíduos periféricos, a Flup – Festa literária das periferias, criada em 2012⁵, tem o objetivo de reunir, conectar e estimular a produção literária periférica no Rio de Janeiro, possibilitando o contato com a literatura através de palestras, debates, encontros poéticos e até *Slams* de poesia e publicação de livros, encurtando a distância entre a periferia e o mercado editorial, já que existe um interesse contínuo por parte dos escritores periféricos de divulgação e publicação de seus trabalhos: “Tudo indica que a literatura marginal e seus autores, além de procurarem uma escrita de denúncia, de resistência, de compromisso com a transformação social, honrando suas raízes hip hop, buscam também um lugar na série literária.” (HOLLANDA, 2014, p34)

A Flup realiza uma edição anual de encontro literário, sempre nas favelas da cidade, além de um ciclo de formação de novos autores da periferia, totalmente gratuito e com acompanhamento de mentores e publicação de livro com os autores ao término do ciclo. Na edição de 2016, a Flup escolheu a Cidade de Deus para seu encontro anual e realizou três ciclos de formação: narrativas curtas, poesia e quadrinhos com o lançamento do HQ Cidade de Deus – 50 anos, em homenagem a história da favela. Nesse ano houve o Rio *Poetry Slam*, competição que revelou nomes importantes da poesia marginal falada como Mel Duarte(SP) e influenciou poetas iniciantes a desenvolverem suas performances: “ Eu fiquei encantada, porque eu nunca tinha ouvido poesia ser recitada daquela forma”⁶ – afirma Sabrina Martina, que fazia parte do público do evento e na mesma semana criou coragem para se apresentar em uma competição de poesia e depois dali não parou mais.

⁵ Retirado do site da Flup. Disponível em < <http://flup.net.br/a-flup/o-projeto/>>. Acessado em 11/01/2018.

⁶ Retirado da matéria “Batalha de poesia invade o Rio” do jornal O dia. Disponível em < https://odiasig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-07-30/batalha-de-poesia-invade-o-rio.html>. Acessado em 12/01/2018.

Atualmente Mc Martina– rapper, compositora e poeta⁷ é organizadora do *Slam Laje*, que acontece no espaço de *coworking* Casa Brota no Complexo do Alemão. Um dos principais objetivos do *Slam Laje* é mostrar como funciona a batalha poética para a favela, propagar a cultura e a literatura e incentivar as crianças e jovens a criarem e falarem suas poesias.



A partir das atividades do *Slam Laje*, Mc Martina pesquisou mais sobre os *Slams* e em uma viagem a São Paulo, conheceu e se inspirou pelo trabalho do coletivo Poetas Ambulantes, que realizam intervenções poéticas no transporte público da cidade paulista. Mc Martina juntou-se a outros amigos e criou o coletivo Poetas Favelados, uma livre inspiração que em terras cariocas se tornou um coletivo de poetas de periferia que buscam a circulação na cidade através do afeto e da troca com o público, não só em transportes públicos como trens, BRT e ônibus, mas também em praças e eventos. O grupo realiza o “ataque poético”, uma apresentação repentina onde todos os poetas recitam versos autorais em formato de *Slam* após o grito coletivo: “ataque poético, poetas favelados – abra seu coração!”.

Ainda nesse ano, o coletivo realizou um *crowdfunding* nas redes sociais para conseguir arrecadar dinheiro para a ida de alguns integrantes a Flip – Festa literária internacional de Paraty, um importante e tradicional evento literário reconhecido no país e no mundo, que homenageava pela primeira vez em sua história um autor negro: Lima Barreto, além de abranger lançamentos de livros de outros autores negros como Lázaro Ramos e Conceição Evaristo. Na programação oficial não houve nenhuma competição de poesia, mas o *Slam* das Minas SP e RJ se reuniram cooperativamente e realizaram uma edição especial da competição

⁷ Existe uma certa oposição das poetas mulheres em relação ao uso da palavra “poetisa” como classificação das artistas do gênero feminino, devido a ideia de que é uma modificação na palavra original que já é substantivo feminino, o outro motivo é que “poetisa” era o título dado para as esposas dos poetas antigamente, portanto por resistência e combate ao machismo elas se recusam a serem chamadas de “poetisa”.

dentro de uma feira de autores independentes na Flip em Paraty, como forma de resistência e protesto, já que um evento tão importante da literatura brasileira se recusava a reconhecer e dar espaço a literatura marginal presente nos *Slams*. Durante a programação da Flip foram realizados diversos ‘ataques poéticos’ pelo coletivo nas praças da cidade, em parceria com o coletivo Poetas Ambulantes. Um grupo de mais ou menos quinze poetas, todos recitando seus versos e vendendo suas zines⁸ e livros de poesia de mão em mão, em contato direto com o público, sem palco nem microfone. O coletivo Poetas Favelados compareceu ao *Slam* das Minas, por ser uma das integrantes⁹ participei da competição e conquistei a vitória, garantindo uma vaga na final carioca do *Slam* das Minas. Neste momento é importante considerarmos um breve relato de experiência vivido durante o evento:

Julho de 2017. Eu nem podia imaginar, mas naquele mês ganharia uma viagem a Paraty. Era por causa da Flip, a festa literária internacional de Paraty, que sempre ouvi falar, mas nunca pude ir, pela falta de grana. Tinha menos de 6 meses que eu voltava a escrever poesia. Na verdade nunca me desconectei de um estado poético, por um período deixei a poesia adormecida em mim, hibernando. E ela acordou. Levei na mala olhos e ouvidos atentos e encantados, prontos pra experimentar cada vez mais poesia. Meus amigos, integrantes do coletivo poetas favelados foram comigo. Chegando lá encontramos uma cidade hostil, estranha. Era o primeiro ano em que um autor negro era homenageado pelo evento: Lima Barreto. Muitos negros circulavam na cidade. Nas praças ao invés de escravos, tínhamos a pele negra livre, respirando literatura. Contando suas próprias histórias e finalmente protagonizando a programação de um evento importante naquele local. Mas nem tudo é o que parece. Nos sentimos vigiados, câmeras nos filmavam, delimitavam até onde poderíamos ir. Logo nós, poetas favelados, acostumados a percorrer becos e vielas, ficamos restritos as ruas centrais da cidade. Ruas de pedras, difíceis de andar sem olhar pro chão. Pareciam labirintos, mais tarde descobrimos: nossos ancestrais escravizados que colocaram pedra por pedra em cada rua. Ordenados pelos senhores brancos que decidiram que as pedras seriam de tamanhos diferentes para que os negros, enquanto carregassem as carroças de seus donos, tivessem dificuldade de andar e olhassem sempre pra baixo, nunca nos olhos dos senhores. Ora, a liberdade não era bem o que parecia. Continuávamos de cabeça baixa, com os olhos pro chão. Era óbvio que não éramos bem vindos ali. A noite fomos a competição de Slam, poesia falada. Competi e com uma força ancestral cheguei até a última etapa e ganhei. Meus "versos perplexos com rimas de sangue e fome" falavam sobre a vida nas favelas, sobre o genocídio da população negra e sobre a liberdade do

⁸ Um hábito comum entre os poetas marginais é a confecção de zines, pequenos livros e folhetos que contém suas poesias, já que quase não possuem espaço para publicações em editoras, muitos acreditam que essa é uma forma de propagar a arte, possibilitar o acesso a um número maior de pessoas e conseguir dinheiro. O processo de venda das zines é chamado de “manguear”, caminhar pela cidade recitando e oferecendo o produto.

⁹Faço parte do coletivo “Poetas Favelados” desde maio de 2017, através da convivência pude realizar uma observação participante durante o período. Fomos juntos ao evento e todos do coletivo puderam se apresentar, a partir da possibilidade conquistei a vitória na competição e considerei importante compartilhar os acontecimentos que vivi no presente artigo.

feminino. No fim do evento fui abordada por uma mulher, que me parabenizou e disse que minha poesia era boa. Começou com um elogio, mas foi tomando forma de corretivo: "Sua poesia é boa, mas tem muitos versos, muita gordura. É uma poesia gorda." Estranhei, mas ainda estava tomada pelo extase de ter vencido pela primeira vez uma batalha de poesia falada. A adrenalina corria pelo meu sangue, e ela continuava: "Mas eu tenho doutorado, sou especialista em literatura, posso ajudar você diminuir os versos." Ali fui diagnosticada. Ainda chocada, agradei e silenciosamente refleti. A culpa não era minha. Mais uma vez tentaram me silenciar. Se minha pele negra não é, pelo menos minha poesia vai ser livre. Não preciso de mediações, interferências nem sermões. Minha arte não se cala, meus versos transbordam e minha poesia não tem limites porque é gorda sim: não cabe nas regras, padrões e preconceitos.

Percebe-se aqui uma forte tentativa de desqualificação do lugar de fala, duvida-se da capacidade artística e intelectual de uma mulher negra e periférica criar seus próprios versos. Uma castração poética é sugerida por uma autora letrada, tradicional e eleita como competente para averiguar padrões de escrita literária. Um reflexo da inquietação do canônico em relação ao marginal como nos afirma Hollanda (2014, p34): "o primeiro argumento desqualificante é a norma culta, o segundo é nenhuma filiação do autor na série literária.". Se formos refletir a partir disso, existem outros fatores desqualificantes presentes: os reflexos do racismo e do preconceito social e linguístico diante da potência da poesia marginal periférica, sem dúvida um agravante que incomoda. A resposta que escolhi para a intervenção 'corretora' na abordagem descrita foi no formato de poesia¹⁰:

Certa vez me disseram que a poesia era o livre retrato das palavras que voam Como uma fotografia em movimento, Era as vezes borrada, manchada de fragmentos de luz. Mas, mesmo imperfeita: intensa, ecoa. E essa era sua beleza. Tive certeza: Quis ser poeta. Minha poesia transbordava, enchia, transpassava, escancarava e... brilhava, berrava, gritava, confundia e explicava. Era o completo preenchimento dos espaços vazios em mim. Mas de tão parecida comigo, de tão ampla foi criticada. Recusaram a suculência de minhas palavras, a protuberância de minhas frases nuas, carnudas e cheias de curvas. Onde as letras derrapavam, escorregavam e num impulso se dissipavam pelo ar. Gritaram-me gorda, gritaram-me gorda e negra. Quiseram me lipoaspirar, me embranquecer, me moldar. Acharam minha poesia muito cheia de versos negros, perplexos, fora do padrão convexo, sem nexos, nem sexo. Minha poesia não cabia nas roupas justas que a crítica me vestia. Era preciso cortar, medir, reduzir, ponderar, clarear. Mandaram-me malhar minhas rimas, diminuir palavras, não usar gírias: pra caber na norma culta da língua! Me sufocaram, forçaram uma dieta. Não escrevia mais que duas linhas por dia. Segui apática... Quase cedi, mas lembrei por um momento, do pássaro livre em movimento. Percebi que nas linhas tortas da minha existência é que mora a beleza e a poesia das coisas. Por isso minha poesia é

¹⁰ A poesia foi escrita após o acontecido e recitada em alguns eventos posteriormente acompanhada da narrativa da situação vivida.

gorda, minha poesia é gorda e negra sim! Porque é livre, porque não concorda, questiona. Porque sonha e se derrama pra além dos limites, recusa as normas e foge dos índices. Minha poesia se ama assim: do jeito que é. Recusa comparações, racismos, provocações. E eu sou exatamente como ela: sendo gorda continuo leve, sendo negra continuo livre! Eu e minha poesia voaremos juntas, alegres e nuas, em um futuro breve. Pois não cabemos nas páginas, nossas palavras sangram e vão muito mais além.

Desse modo, o relato de experiência descrito no presente artigo, busca reforçar a importância da presença de mulheres e homens negros na literatura, não só pela questão da representatividade, da resistência e do repúdio as mediações canônicas, mas por ser também a possibilidade de um processo de reação as opressões sofridas. A literatura negra traz consigo referências culturais, aspectos religiosos e a subjetividade negra periférica contemporânea. O *Slam*, por ter como base a poesia falada, se assemelha muito a oralidade ancestral negra, onde os *Griots*¹¹ compartilhavam a sabedoria de seu povo, experiência de vida e tradições culturais para os mais novos na forma de contar histórias. Podemos considerar que o *Slam* ocupa esse papel de transmissão de conhecimento através da oralidade para os povos negros periféricos, as próprias poesias feitas por negros e negras transmitem a força e resistência da escrita e da sabedoria dos povos negros e muitas são escritas com esse objetivo intencional assumido pelos poetas: poesia feita pelo povo negro e para o povo negro.

A força da escrita negra é tão potente que, a exemplo disso, a final do *Slam* das Minas RJ que ocorreu na praça do Largo do Machado em outubro, reuniu um grande público e revelou uma final composta somente por mulheres negras, ou seja, em todas as competições durante o ano as vencedoras das eliminatórias foram mulheres negras, que estavam reunidas ali para serem ouvidas pelo público. Brenda Lima, uma das finalistas, transmite em seus versos os vestígios da escravidão, mas também a reação do povo negro, a força da ancestralidade que vem influenciada pelo poder dos orixás das religiões de matriz africana. Sua performance revela suas habilidades artísticas como a dança, a capoeira e o canto, heranças ancestrais do povo negro. Em “O aviso de Xango”¹², a poeta desdobra seus versos numa narrativa histórica, atravessada pelas referências dos orixás como base para resistência

¹¹ Chama-se griot (pronúncia: "griô") um personagem importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, cuja função primordial é a de informar, educar e entreter. O griot é antes de tudo o guardião da tradição oral de seu povo, um especialista em genealogia e na história de seu povo. Retirado da publicação “Griot” do site Info escola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>> Acessado em 13/01/2018.

¹² Comparei a competição, sendo também uma das finalistas e pude acompanhar a poesia sendo recitada durante o evento. A transcrição da poesia de Brenda Lima foi realizada posteriormente através dos vídeos que registraram as performances. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V2oCiJLsNAI>> Acessado em 28/03/2018.

de seu povo e inicia sua performance cantando de forma suave e lenta, como quem revive uma memória que deixou cicatrizes:

Quando olhei pro mar, lembrei de minha vinda para cá. E o barulho das correntes ainda vieram perturbar. É que até hoje morre preto, Senhor. Nas esquinas de qualquer lugar, qual a dívida que temos, Senhor? Quero falar com oxalá.

Em seguida, Brenda fala seus versos ritmados de forma intensa e agressiva, com a fúria de quem resiste e reage as opressões vividas:

Eu tenho um navio negreiro lotado de contas pra acertar, não é ódio, é justiça! Xangô quem mandou avisar, Saravá meu pai! Eu sou a sombra dos meus ancestrais escravizados, sou poesia, chibatada. Sou a música e a dança que quase apagaram. Sou sorrateira, traiçoeira, sou capoeira! Sou o olhar de Obá e os trovões de Iansã, trago a cura através das folhas dos segredos de Ossain. Sou a sorte viva de vidas tiradas, as guias de proteção, minha voz abre espaço agora pra uma preta revolução. Sinto o peso da consciência abrindo, vou seguindo pedindo proteção a Exu: abram caminhos pra eu passar, Laroyê Mojubá. Eu sou o choro de dor nas noites de açoite, sou escravo, rei e rainha que pra cá o branco trouxe. Eu sou o traçar de novas trajetórias, eu sou a fuga para as quilombolas, sou as rezas em Yorubá que tentaram calar, sou o fogo da esperança nos olhos dos poetas. Eu dou o perdão, Xangô a sentença. Eu tenho pena. Sigo vendo o mundo que orumilá criou, mas ainda sinto o frio da maldade dos corpos, que a alma o diabo já arrebatou. O seu racismo não me calou.

Já na performance da também finalista Carol Dal Farra, cantora, compositora e instrumentista, percebemos um jogo de entonações, sua interpretação dos versos é as vezes irônica, as vezes agressiva. É como se seu corpo falasse também, ela anda de um lado para o outro em planos altos e baixos. Sua performance é intensa e seus versos refletem um raciocínio denso, analítico e complexo. Sua poesia é um protesto contra a escravidão contemporânea, um relato narrativo de abusos e de lutas, que aponta a violência física e psicológica vivida pelos corpos negros até hoje e as tensões entre brancos e negros, além dos aspectos da violência policial¹³:

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta. Aguenta o infinito em um corpo que o grito socorro acusa suspeito. Não chora e nem fala das mortes diárias, pariu cinco vezes sem anestesia e com falas no ouvido: preto é firme. Teu corpo foi alvo da falta de amor. Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu. Quando no escuro da noite um corpo fardado mirou sem certeza por causa da cor. Mas preto é forte, sempre ouvi falar. Mae preta resiste desde que não sabia o que era existir. Mae preta, teve seus calos caleados pela falta de arrego dos atrasos da historia que tracaram teu destino. Mae preta que pariu no rebolejo e trouxe com muito ofício outra preta que não sorriu. Filha de preta, que com a vida já

¹³ A transcrição da poesia de Carol Dal Farra foi realizada posteriormente ao evento através dos vídeos que registraram as performances. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE&t=122sI> Acessado em 28/03/2018.

traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de cansado, entalado na garganta. E os bicos de diarista entalados na minha herança. Vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância. Os olhos que me olhavam revestidos de ganancia. E pra eles não importa se trata-se de uma criança. Te hipersexualizaram o hobbie da vizinhança. Dedos te apontaram ontem, hoje o cano te aponta. Amanhã outro julgamento, julgando que se aguenta. Tua cabeça um reboiço, teu corpo cumpriu caprichos. Tua mãe também passou por isso e todas da tua família. Tua avó bem que dizia, é uma praga feito sentença. Eles dizem que a gente aguenta. Mas vejo uma morte lenta. E pra cada abuso novo um branco te orienta: negro é forte, negro aguenta. Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença. Com a força dos ancestrais internalizou que aguenta. Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco. E viu que a força é um detalhe pra quem vive resistência.

Diante disso, podemos observar a importante influência da literatura marginal como ferramenta que evidencia a potência da cultura periférica, a partir dela muitos movimentos artísticos e literários surgiram, valorizando a força estético política dos diversos usos da palavra e possibilitando autoestima para a população favelada, que reage produzindo literatura e compartilhando conhecimento através de uma rede auto organizada nas periferias. Por outro lado, os *Slams* de poesia e saraus marginais possibilitam o afeto e a potência favelada circulando a cidade, além da ocupação de espaços públicos através de intervenções urbanas autônomas, acessíveis e capazes de movimentar pessoas em processos de troca de conhecimento. A auto-organização é uma característica atrativa para os jovens periféricos, que se envolvem cada vez mais no processo de proliferação dos *Slams*, criando em seus territórios encontros freqüentes que investigam na prática uma nova linguagem poética literária periférica, uma produção artística autêntica que tem muito a dizer e ensinar:

Não se trata mais de devorar o que de melhor existe na vanguarda europeia para construir nossa própria arte. Trata-se, isso sim, de formar um sistema literário com conceitos próprios do que é literatura, propondo ainda suspender limites entre as escritas literárias e as diversas expressões artísticas, numa troca de linguagens efetiva e não de empréstimos. (RESENDE, 2014, p 13).

Bibliografia

ALVES, Rôssi. **Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca**. Estud. Lit. Bras. Contemp. - Brasília, n.49, p.183-202, dez. 2016.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000300183&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jan. 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Crônica Marginal**. In possibilidades da nova escrita literária no brasil. Org Beatriz Resende. Rio de Janeiro, Revan, 2014.

RESENDE, Beatriz. **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 2014.